

## **O CONTADOR DE HISTÓRIAS E SUA PRÁTICA – UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

The storyteller and its practice – an extensionist experience in the Federal  
University of Viçosa

Kamilla Botelho de Oliveira  
Nayara Batista Fontes  
Universidade Federal de Viçosa

### **Resumo**

A Universidade Federal de Viçosa, atendendo a seus princípios de ensino, pesquisa e extensão, oferece, através de seu Centro de Ciências Humanas Letras e Artes e Departamento de Economia Doméstica, o projeto de extensão intitulado “A Imaginação e o Lúdico: a contação de histórias infantis”. Com base no amplo trabalho desenvolvido pela equipe deste projeto nos anos de 2009 e 2010, o presente artigo objetiva contribuir para o estudo da prática de contação de história, trazendo ao leitor um recorte da vivência de um contador de histórias, desde sua preparação por meio do contato com a teoria à sua prática que sempre se renova.

Palavras-chave: História, lúdico, contação de história.

### **Abstract**

The Federal University of Viçosa – Viçosa City, Minas Gerais State, Brazil - offers the extension project entitled "The Imaginary and Ludic – the Children's Storytelling" through its Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e Departamento de Economia Doméstica (Center for Humanities, Language Course – Letters - and Arts and Department of Domestic Economy Course, considering its principles of teaching, research, and extension. Based on the extensive work developed by the project team in the years of 2009 and 2010, this article aims to contribute to the study of the storytelling practice, bringing to the reader an outline of a storyteller experience, since his preparation through contact with the theory up to practice ever-renewing.

**Keywords:** Story, ludic, storytelling



Contação de histórias infantis realizada no ano de 2010 na Praça Silviano Brandão, Viçosa – MG.

## 1 – Introdução

A Universidade Federal de Viçosa (UFV), que possui sede na cidade de Viçosa, Zona da Mata de Minas Gerais, oferece desde 1952, pelo Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, o curso de Bacharelado em Economia Doméstica. Deste curso, se originou outro curso de graduação, este em Educação Infantil, que objetiva formar profissionais competentes, socialmente críticos, que atendam às exigências da Legislação, complementando a ação da família e da sociedade no desenvolvimento da criança, educando e cuidando de crianças de 0 a 6 anos de idade.

Vinculados ao Departamento de Economia Doméstica da UFV há diversos projetos de extensão, que, assim como a proposta da supracitada Instituição, busca levar conhecimentos produzidos dentro do meio acadêmico e trocar conhecimentos com a comunidade de Viçosa e região.

Um destes projetos de extensão, intitulado “A Imaginação e o Lúdico: a contação de histórias infantis”, sob o número de registro PRJ-032/2008, teve sua gênese no ano de 2008

e apresenta como objetivos contribuir para a inovação, fortalecimento e enriquecimento da prática de contar histórias para crianças de 0 a 6 anos de idade, propiciando aos professores, através de oficinas práticas e teóricas, subsídios para utilizar diferentes recursos para a contação de histórias infantis, bem como fornecer aos estudantes um espaço para desenvolver ações que integrem extensão, ensino e pesquisa.

As principais atividades deste projeto consistem em planejar, desenvolver e avaliar oficinas sobre a arte de contar histórias, desenvolvidas em módulos presenciais, semipresenciais e não presenciais; apresentar histórias nas instituições de educação Infantil de da região de Viçosa; apresentar histórias em uma Praça Pública, com a frequência de uma vez ao mês; dentre outros.

Nos anos de 2009 e 2010, tive a oportunidade de ser, primeiramente voluntária, e em seguida, bolsista do projeto de extensão vinculado ao supracitado Departamento, intitulado "A Imaginação e o Lúdico: a contação de histórias infantis". Este artigo objetiva levar ao leitor a prática da construção de um contador de histórias, construção esta que nunca acaba, sempre se refaz. Especificamente, objetiva-se com este artigo realizar um relato do projeto de extensão A Imaginação e o Lúdico: a contação de histórias infantis; realizar uma pesquisa sobre a evolução do contador de histórias; apontar aspectos teóricos e práticos importantes para desenvolver a arte de contar histórias.

## **2 - O contador de histórias – do surgimento à contemporaneidade**

O contador de histórias é um ser mágico, assim como as histórias que conta, é um ser que se anula por amor à narrativa e que empresta o corpo, a voz e alma pelo bem de seu ouvinte. Em especial, o contador de histórias infantis, emociona, faz rir, amedronta e em seguida suaviza, surpreende e alegra seus pequenos ouvintes, que por características próprias da idade, se entregam à imaginação mais facilmente.

Entretanto, o contador de histórias não nasce com esta magia pronta, como muitos podem acreditar. Como defende a teoria piagetiana, o processo de desenvolvimento humano é explicado por fatores internos e externos ao indivíduo, sendo que nenhum deles é determinante por si só. O contador de histórias é resultado de todos os acontecimentos a ele ocorridos desde seu nascimento, incluindo as oportunidades que lhe são dadas ou negadas e suas vontades a cada passagem de sua vida. Enfim, o contador de histórias é fruto de uma construção.

Um bom contador necessita ter, além de paixão pelo que faz, técnica para desempenhar sua função de forma satisfatória. Por "contador de histórias" aqui nos referimos não somente àquele que tem nesta atividade sua principal fonte de renda, mas também ao professor, que precisa ter domínio desta arte para incluí-la em seu planejamento escolar, e, por que não dizer, a pais, mães, tios e avós, que podem se aventurar neste surpreendente campo, a pedido de suas crianças. A formação destes contadores é um processo infinito, mas prazeroso, e mesmo que eles se vejam "formados" é preciso que parta deles a procura por aprimoramento e aperfeiçoamento de sua prática.

É remota a data de surgimento dos contadores de histórias, tão distante que talvez eles sempre tenham existido. O fato é que o modo como eles desenvolvem seu trabalho acabou por se modificar através do tempo, em função das mudanças pelas quais o mundo passou. Ainda que esta arte tenha atravessado os tempos, Benjamin (1975) destaca a I Guerra como um marco do declínio da narração de histórias, tendo os indivíduos voltado calados dela, comportamento fruto das mudanças negativas pelas quais passaram. Este autor, em seu texto "O Narrador", levanta a previsão da decadência da narrativa, pelo embaraço em falar em público e pela forma de comunicação que surge com o advento do

capitalismo: a imprensa, com sua difusão de informações e explicações para todos os acontecimentos, até mesmo os maravilhosos e extraordinários.

Quando ainda não se tinham jornais ou mesmo livros, os contadores eram instrumentos vivos da transmissão de saberes e da tradição às novas gerações, com o surgimento de novas tecnologias, principalmente a televisão, ele foi perdendo espaço, assim como a própria comunicação interpessoal (MORAES, 2006). Como Benjamin (1975) ressalta, nos tempos de hoje as pessoas estão desacostumadas a falar. No momento em que pedimos que alguém fale, ou mesmo conte algo, o nervosismo se instaura. As pessoas tem vergonha de falar, o que há muito era natural, narrar suas próprias experiências, hoje é motivo de embaraço. Para este autor isto é, dentre outros fatores, fruto da desvalorização das situações vividas por cada pessoa.

No entanto, indo de encontro a previsão de Walter Benjamin, somos testemunhas de um fenômeno contemporâneo: a revalorização desta arte e do próprio contador de histórias, prova disso são os inúmeros grupos de contadores que surgiram em várias localidades do Brasil e do mundo. Há um resgate dessa prática, antes quase extinta, em favorecimento da conciliação entre modernidade e tradição (EDUARDO, 2007).

Busatto (2006) ainda destaca o ressurgimento do contador de histórias enquanto uma profissão, situação que faz com que os interessados, que não se sentem preparados para narrar, façam curso, se informem e aprendam a contar. De acordo com esta autora, o mundo em que vivemos é diferente do mundo de Walter Benjamin e o contador contemporâneo encontra-se inserido em um contexto que envolve as novas tecnologias e meios de comunicação variados.

### **3 – Contando histórias - aspectos teóricos e práticos**

Contar histórias é uma arte prazerosa para quem conta e para quem ouve. Segundo Coelho (2004) a história, assim como qualquer outra atividade lúdica, deve ser tomada como um fim em si mesma, e não como disciplinadora e transmissora de conhecimentos. Ela pode até fazer isso, mas seu objetivo principal deve ser a diversão.

De acordo com Busatto (2008), a literatura favorece a formação psicológica, intelectual e espiritual, além da valorização das diferenças étnicas, religiosas e culturais. No que se refere a linguagens oral e escrita, pode-se aprender sintaxe, pode-se recontar o conto e reescrevê-lo em outras linguagens. Em relação à linguagem artística, a autora sugere a recriação das histórias através de pintura, colagem, expressão corporal e musical. No que diz respeito à Geografia e à História, pode-se recriar mapas da localidade onde a história ocorre ou pesquisar seus costumes. Neste sentido, basta a boa vontade e criatividade do contador de histórias, pois há uma infinidade de atividades que podem se originar da contação de histórias.

Para que uma história seja plenamente aproveitada pelo ouvinte, cabe ao contador fazer uma seleção, levando em conta a faixa etária da criança, o assunto da narrativa, o instrumento a ser utilizado. Coelho (2004) estabelece um quadro de interesses relacionados com cada faixa etária. Segundo esta crianças com idade até 3 anos gostam de histórias com bichos, brinquedos e seres da natureza humanizados, os enredos devem ser simples. Crianças de 3 a 6 anos de idade preferem histórias que possuam repetição e que sejam cumulativas, histórias com animais e fadas. Crianças de 7 anos gostam de histórias que tenham encantamento e aventura, e que sejam próximas de seu ambiente familiar. Crianças com 8 anos de idade apreciam histórias de fadas e histórias humorísticas. Aos 9 anos, as crianças gostam de contos de fadas e histórias que estejam vinculadas a sua realidade. Crianças com 10 anos de idade apreciam enredos que contenham aventura, narrativa de viagens, fábulas, lendas e mitos.

O público do contador de histórias tem influência direta em sua prática e pode ser muito variado dependendo do espaço e da situação. Busatto (2008) lança o questionamento: “Para quem eu conto a história?”, Narrar para uma criança é diferente de narrar para um grupo de 50, sendo assim, o contador de história deve observar este aspecto e incluí-lo em seu planejamento no que diz respeito à escolha da história, planejamento das interferências a partir da história e o que pode atrair cada faixa etária etc.

Depois de atentar para estes aspectos teóricos a respeito da história infantil, o contador de histórias precisa voltar sua atenção para sua *performance*. De acordo com Matos (2005) o contador deve construir sua *performance* através de gestos, indumentária, instrumentos musicais ou algum acessório para enriquecer sua prática, marcá-lo de determinada forma aos olhos do ouvinte, ajudá-lo no andamento da história e na aproximação com o público. Segundo este autor, três elementos constituem a *performance*: *savoir faire*, *savoir dire*, *savoir être*. *Savoir faire* se refere ao fazer do contador ligado à comunicação por meio da visão, ou seja, os gestos, a expressão corporal e facial, a indumentária e o cenário, e como se porta o contador. *Savoir dire* é o elemento que engloba a palavra falada pelo contador, ou seja, sua voz e suas variações de volume, timbre, amplitude e tipos. *Savoir être* é a relação entre contador, ouvinte e o texto, relação esta que é uma via de mão dupla, onde o contador de histórias é importante, mas sem o ouvinte ele não tem sentido, além da relação entre eles e a história, que acaba se enriquecendo e se modificando a cada contação.

Busatto (2008) também fornece algumas dicas que podem ajudar o contador de histórias em sua *performance*. No que se refere à posição do contador, a autora diz que a forma ideal é a que ele se sentir mais confortável, seja de pé ou sentado. A movimentação durante o conto deve ser controlada, tendo relação com o que está sendo falado, evitando os vícios nos movimentos. Caso opte por contar em pé, o narrador deve sentir a distribuição do peso em seu corpo, se posicionar de maneira que fique bem equilibrado, sem deixar os ombros caírem e com o peito voltado para fora. A autora destaca que isto depende de prática e treino.

Quanto ao espaço físico, a autora destaca sua influência na *performance*, visto que um espaço fechado cria sentimento de aconchego e o ideal é que as crianças fiquem confortáveis, sem limites como cadeiras. Em espaços abertos, a voz pode ecoar e o contador de histórias precisa estar atento a isso, buscando estratégias, como falar mais alto ou utilizar microfones, bem como buscar conhecer sua própria voz. A autora sugere, ainda, espaços como embaixo de uma árvore, perto de uma fogueira ou em uma cama.

*Performance* preparada, estabelecida e montada: é hora de conhecer as formas de contar histórias e os recursos que o contador de histórias pode utilizar. De acordo com Coelho (2004), alguns recursos como a simples narrativa, a história com uso de livro, o uso de gravuras e o flanelógrafo podem ser utilizados

A simples narrativa é a mais tradicional. Trata-se da história contada sem nenhum acessório, dependendo apenas da voz e corpo do contador de histórias. A história com uso de livro é útil para aqueles textos que requerem, indispensavelmente, apresentação do livro, pois a ilustração os complementa. Narrar com o livro não quer dizer ler a história, o contador já deve ter estudado o texto, deve conhecê-lo. Além disso, o contador deve ter carinho pelo livro e segurá-lo de frente para o público, virando lentamente as páginas com uma mão e apoiando o livro na outra.

As gravuras são recursos que podem ser utilizados quando o formato de um livro é pequeno, suas ilustrações não tem qualidade ou quando o texto é publicado em alguma revista ou livro do lado de outra matéria. Sendo assim, o contador pode montar a história em fichas, ampliando as gravuras do livro ou lançando mão de outras gravuras que possam representar a história.

O flanelógrafo é um recurso interessante, quando os personagens da história entram e saem de cena. Trata-se de um quadro de madeira ou papelão, coberto por flanela ou feltro, que servirá de cenário. As figuras a serem utilizadas no flanelógrafo são confeccionadas em flanela, feltro ou papel camurça (ou o que mais a criatividade do contador mandar). No verso da figura colam-se pequenos pedaços de lixa ou velcro, de modo que a figura possa ser fixada no flanelógrafo. Podem ser confeccionadas, também, cenários para a história.

Santos (2004) apresenta outros recursos, como a TV Gravura e os fantoches de variados tipos. O primeiro é uma caixa de televisão ou de papelão, com um espaço vazado na frente, onde a história é apresentada, por meio de “filmes”, que são folhas de papel emendadas umas nas outras, formando um grande rolo onde se encontram as gravuras que representam a história.



TV Gravura utilizada no Laboratório de Desenvolvimento Humano da UFV – Viçosa/MG

Já os fantoches, são recursos que enchem os olhos e podem ser confeccionados a partir de diversos materiais, como sucatas, E.V.A e palitos de churrasco, feltro, papel machê, meias e sacos de papel, novamente, dependendo da criatividade do contador de histórias.

#### 4 - Uma experiência prática

Participando da equipe do projeto de extensão vinculado ao Departamento de economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, intitulado “A Imaginação e o Lúdico: A Contação de Histórias Infantis”, pude notar a evolução em minha prática e a prática de minhas companheiras de equipe como contadoras de histórias infantis. Este projeto teve início no ano de 2008, mas somente em 2009 me tornei integrante. Antes disso, eu já havia feito alguns cursos que tinham como tema as histórias infantis e como contá-las, mas havia uma infinidade de coisas em mim a lapidar. A simpatia que eu já apresentava por esta área foi, sem dúvida, um estímulo.

Lembro-me da primeira história por meio de simples narrativa que contei, “*Quem matou Honorato, o rato?*”, de Lilian Sypriano. Preparei-me durante 5 dias, lendo e relendo o texto, grifando as partes essenciais e ensaiando em frente ao espelho e com amigos. Por fim, todas as pessoas que moravam comigo já conheciam o mistério em torno da morte de Honorato. Minha apresentação desta história ocorreu em um dos eventos de contação de história realizados pela equipe do projeto na Praça Silviano Brandão- Viçosa/MG, e, analisando-a agora, eu deixei muito a desejar na ocasião. Prendi-me ao texto, fiquei tensa e temerosa em esquecer algo, com isso, a história acabou perdendo a naturalidade e, conseqüentemente, a magia. Recontei esta e outras histórias inúmeras vezes, e melhorei

minha *performance*, mas não abandono a certeza de que sempre é preciso melhorar e me aprimorar.

Mas não foi somente a minha evolução que observei. No ano de 2009, trabalhei neste projeto ao lado de colegas que, assim como eu, estavam se descobrindo como contadoras de histórias. A insegurança e o medo antes de cada apresentação eram evidentes, mas o apoio mútuo era ainda maior, através de dicas sobre a *performance*, palavras “assopradas” e até mesmo um olhar que dizia “você está indo muito bem!”. Com a equipe do ano de 2010, formada por novas integrantes, com exceção de mim e da coordenadora do projeto, professora Maria Lígia Rodrigues Santos, assisto o processo se repetir. Mãos trêmulas, prestes a desistir de sua apresentação por causa do nervosismo, mas que acabam o encarando e realizando uma boa contação, tendo como recompensa a sensação de dever cumprido.

O público presente nas contações de história é bastante variado, famílias, adultos que param para ouvir histórias (e gargalham...), vendedores da praça, crianças. A plateia varia de 100 a 200 pessoas durante o horário de 09 às 12 horas. Em várias oportunidades pudemos ouvir a opinião destas pessoas, suas dicas e elogios por nossa prática.

A participação das crianças também é um elemento que faz toda a diferença nesta evolução. Se durante nossas primeiras apresentações nos perdemos entre os olhares dos ouvintes e suas respostas a nossos questionamentos, depois já sabemos apreciar e nos deliciar com cada expressão das crianças.

As situações diversas as quais somos expostas durante uma contação de histórias em praça pública nos forma como profissionais e como pessoas. Nestes eventos, todos os tipos de pessoas estão presentes, seja quanto ao gênero, idade ou classe social. É uma experiência extremamente enriquecedora o contato que o público tem, tanto entre eles mesmos quanto conosco. Alguns casos merecem ser destacados, como o da pequena garota com Síndrome de Down e sua mãe, que comparecem a todas as contações de histórias na Praça e sentam-se bem próximas do contador; ou o pai, que sempre que pode leva seus dois filhos até o evento, duas crianças extremamente participativas; ou as crianças, que aparentam ser moradoras de rua que, por vezes, sentam conosco para ouvir histórias.

A reação destas pessoas é nossa principal recompensa. Um contador não existe sozinho, ele necessita da história e do público, e ambos se completam. E nós, como contadores de histórias, além da consciência de sermos seres eternamente inacabados e, por isso, à procura de melhoria, temos resposta e apoio de nosso público, através de sorrisos, olhares atentos e falas, como: “moça, conta mais?!”.

## 5 – Considerações Finais

A quem deseja aprimorar suas técnicas de contar histórias, é preciso estudo e dedicação, atentando-se à *performance*, a adequação da história ao público, o estudo e conhecimento da história, a voz. Uma maneira de aprimorar a contação de história foi fazer parte da equipe do projeto de extensão “A Imaginação e o Lúdico: a contação de histórias infantis”. Com a rotina intensa de atividades, que envolvia grupo de estudos, oficinas teóricas e práticas, blog com o cotidiano do grupo, contações em diversos locais, elaboração de artigos e contatos com outros grupos, pode-se estudar os pormenores do tema.

Sem dúvida houve crescimento pessoal e profissional para as pessoas envolvidas, tanto para a equipe quanto para os professores e crianças com os quais o projeto entrou em contato.

Esperamos que o compartilhamento destas experiências e as informações contidas neste artigo possam auxiliar contadores de histórias, professores, futuros professores,

extensionistas e profissionais curiosos em aprimorar e refletir sobre esta prática, no que diz respeito à importância da contação de história para as crianças, seleção de histórias, recursos para narrar histórias e *performance* do contador. Além disso, espera-se que o relato instigue você, leitor, a se aventurar nessa arte também.

A pressa, o caráter urgente em nossas atividades cotidianas e as novas tecnologias, podem ter prejudicado o contato pessoal, o “olho no olho” enquanto conversamos, porém, a contação de histórias está aí para nos auxiliar, em especial com as crianças, criando através dela momentos especiais, inesquecíveis, de proximidade e emoção, que os neurotransmissores do nosso cérebro se encarregarão de marcar para sempre na memória.

A contação de histórias é uma arte milenar que na contemporaneidade pode assumir várias faces e objetivos, se personificar em várias figuras. Seja através de um pai que lê histórias ao filho antes de dormir, uma roda de amigos, o avô que conta fatos antigos aos netos, ou o professor que conta uma história infantil, sempre haverá um ouvinte ansioso para se encantar com uma história e um contador que emprestará seu corpo, suas palavras e sua alma para esta arte.

## Referências

BENJAMIN, Walter, Et al. **O Narrador**. In: Textos escolhidos. 1ed. São Paulo: Abril Cultura, 1975.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: Uma Arte Sem Idade**. 10ed. São Paulo: Ática, 2004.

EDUARDO, S. G. **A Marca Individual do Contador de Histórias**. Taubaté, 2007

MATOS, G. A. **A Palavra do Contador de Histórias: Sua Dimensão Educativa na Contemporaneidade**. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MORAES, F. O. **Resgate da Tradição Oral**. In: III Seminário de Psicopedagogia “Educar e Cuidar”, 2006, Vitória – ES. III Seminário de Psicopedagogia “Educar e Cuidar”. Vitória: Saberes. 2006.

SANTOS, Maria Lígia Rodrigues. **A educação infantil e o lúdico: teoria e prática**. Viçosa: Editora UFV, 2004.